

O processo de modernização museal do Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME): trilhando um caminho para a preservação

The process of museum modernization of the Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME): treading a path towards preservation

Vanessa Barrozo Teixeira*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar algumas das atividades museológicas que foram desenvolvidas no Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME), museu que preserva a cultura material escolar da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul. O NUME surge como um Projeto de extensão, que visava salvaguardar a memória da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) através de objetos significativos para professores e funcionários atuantes e aposentados, além dos alunos e ex-alunos. Em 2000, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Aída Meirelles, professora aposentada da Faculdade de Medicina, é inaugurado o NUME no Campus Cidade da FURG, reunindo um acervo diverso, contendo, para citar alguns: quadros, fotografias, têxteis, uniformes, e inclusive, uma coruja taxidermizada. Este acervo conta a história das primeiras escolas e faculdades de ensino superior da cidade do Rio Grande: Escola de Engenharia Industrial, Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, Faculdade de Direito Clóvis Beviláqua, Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande e Faculdade de Medicina. Além de possuir bens referentes aos demais cursos e projetos de extensão da universidade. Em 2006 o NUME entra no cenário brasileiro de museus, cadastrando-se no Sistema Brasileiro de Museus, necessitando desta forma se adequar à Política Brasileira de Museus e ao Estatuto de Museus, lei nº. 11.904. Uma dessas necessidades é o trabalho museológico específico para salvaguardar o acervo em suas diferentes tipologias, além da presença de um Museólogo para a coordenação das ações específicas de preservação. A partir deste relato de experiência pretende-se ilustrar como algumas ações basilares da Museologia, como, a Documentação Museológica e a Conservação Preventiva, são fundamentais para a organização, sistematização e otimização de todas as atividades que se espera realizar a partir do acervo que se encontra preservado pelo NUME.

Palavras chave: Documentação Museológica; Conservação Preventiva; Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos; Cidade do Rio Grande.

Abstract: This study aims to report some of museological activities that were developed at the Center for Memory Eng Francisco Martins Bastos (NUME) museum that preserves school material culture of the Federal University of Rio Grande (FURG), located at the southern end of the Rio Grande The South NUME emerges as an extension project, which aimed to preserve the memory of the Federal University of Rio Grande (FURG) through significant for teachers and active employees and retirees objects, in addition to students and alumni. In 2000, under the coordination of Prof. Dr. Aida Meirelles, a retired professor of the Faculty of Medicine, is inaugurated NUME FURG City Campus, bringing together a diverse collection, containing, to name a few: paintings, photographs, textiles, uniforms, and even a taxidermized owl. This collection tells the story of the first schools and colleges of higher education in the Rio Grande: School of Industrial Engineering, Faculty of Political Science and Economics, Faculty of Law Clovis Beviláqua, Catholic University of Rio Grande and the Philosophy Faculty of Medicine. Besides owning assets related to other courses and outreach projects of the university. In 2006 the Brazilian scenario NUME enters museums, signing up in the Brazilian System of Museums, requiring this way fit the Brazilian Museums Policy and the Status of Museums, law no. 11.904. One of these needs is the specific museum work to preserve the acquis in its different types,

* Mestre e doutoranda em Educação. Universidade Federal de Pelotas/UFPel. vteixeira2010@gmail.com.

and the presence of a Museologist for coordinating the specific conservation actions. From this experience report is intended to illustrate how some basic actions of Museology, as Documentation Preventive Conservation and Museology, are critical to the organization, systematization and optimization of all activities are expected to realize from the collection that is preserved by NUME.

Key words: Museological Documentation; Preventive Conservation; Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos; City of Rio Grande.

1 Introdução

O presente relato de experiência visa esclarecer e descrever algumas das ações museológicas que foram implementadas em um espaço museal localizado na cidade do Rio Grande/RS. Trata-se do Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME), um museu universitário, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Esse espaço de memória, criado em meados da década de 1990, é responsável por preservar a história do ensino superior da cidade do Rio Grande, cidade mais antiga do estado do Rio Grande do Sul. Através deste relato será possível perceber como as adequações impostas pelo Estatuto de Museus (IBRAM, 2009) acabam por influenciar no processo de modernização de um espaço museal, que até o ano de 2010, ainda não havia iniciado ações fundamentais para a preservação de acervos museológicos, como, por exemplo, o processo de Documentação Museológica e de Conservação Preventiva.

2 O Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME): um breve histórico de sua trajetória museológica

O Núcleo de Memória Eng^o Francisco Martins Bastos (NUME) surge em 1994 como um projeto de extensão, em razão do aniversário de 25 anos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), coordenado pelas professoras Nilza Fontoura e Lília Maria Hartmann. Esse projeto tinha como objetivo resgatar a memória da instituição através da coleta de objetos significativos para professores, professores aposentados, acadêmicos e funcionários aposentados da instituição. No entanto, somente em 2000, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Aída Luz Bortheiry Meirelles é inaugurado o NUME na sala 19 do Campus Cidade. Suas atividades foram então sendo estruturadas dentro de três sub-programas: I– Resgate da história da FURG; II- Indexação de material histórico da FURG; III- Divulgação da história da FURG (BORTHEIRY, 2008).

O acervo do museu é responsável por contar a história das primeiras escolas e faculdades de ensino superior da cidade do Rio Grande, como a Escola de Engenharia Industrial, a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, a Faculdade de Direito Clóvis Bevilácqua, a Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande e a Faculdade de Medicina. Instituições educativas que são consideradas símbolos de um pioneirismo acadêmico que desencadeou uma série de transformações sociais, culturais e econômicas na cidade (TEIXEIRA, 2013). Um espaço planejado para reunir e resguardar a memória da universidade, desde os primórdios até os dias atuais, refletindo o progresso alcançado e todas as mudanças existentes. Este acervo é constituído de diversos tipos de artefatos, os quais reúnem uma diversidade de composições materiais, como, por exemplo: troféus, medalhas, fotografias, bandeiras, uniformes, flâmulas e uma coruja taxidermizada, símbolo da Faculdade Católica de Filosofia.

Em 2005, cadastra-se no Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) e em 2006, o NUME entra no cenário brasileiro de museus, cadastrando-se no Sistema Brasileiro de Museus. A fim de legitimar-se como instituição museal foi necessário adequar-se à Política Brasileira de Museus e ao Estatuto de Museus, lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Este Estatuto impõe que as instituições museológicas necessitam se adaptar às diversas necessidades dos espaços museológicos, como por exemplo, preocupar-se em refletir sobre suas práticas museológicas, os espaços específicos de trabalho dentro dos museus, além da necessidade de um profissional específico, o Museólogo, como membro atuante da equipe de profissionais dos museus brasileiros. Segundo Cândido,

a sociedade exige cada vez mais dos museus, e a criação e manutenção deles não pode mais acontecer como algo quase espontâneo, mas como processo altamente profissional, planejado, avaliado e em conexão com os avanços do campo científico ao qual estão ligados por definição, a Museologia (CÂNDIDO, 2013, p. 44).

O NUME permaneceu durante, aproximadamente dez anos, atuando de maneira empírica como um espaço de memória, buscando através das possibilidades encontradas pela equipe de trabalho, organizar e comunicar o seu acervo. Mantendo expostos permanentemente todo o acervo da instituição, utilizando o próprio acervo como espaço de trabalho, documentação, pesquisa e reuniões das comissões, como foi o caso da mesa de reuniões que pertencia à Escola de Engenharia Industrial, primeira escola de ensino superior da cidade criada na década de 1950¹ (Figura 1 e 2), que atualmente encontra-se na Sala do Mobiliário com os demais objetos tridimensionais de grandes proporções (Figura 4).

¹ Para maiores detalhes sobre a gênese do ensino superior na cidade do Rio Grande, sugiro a leitura de TEIXEIRA, 2013.

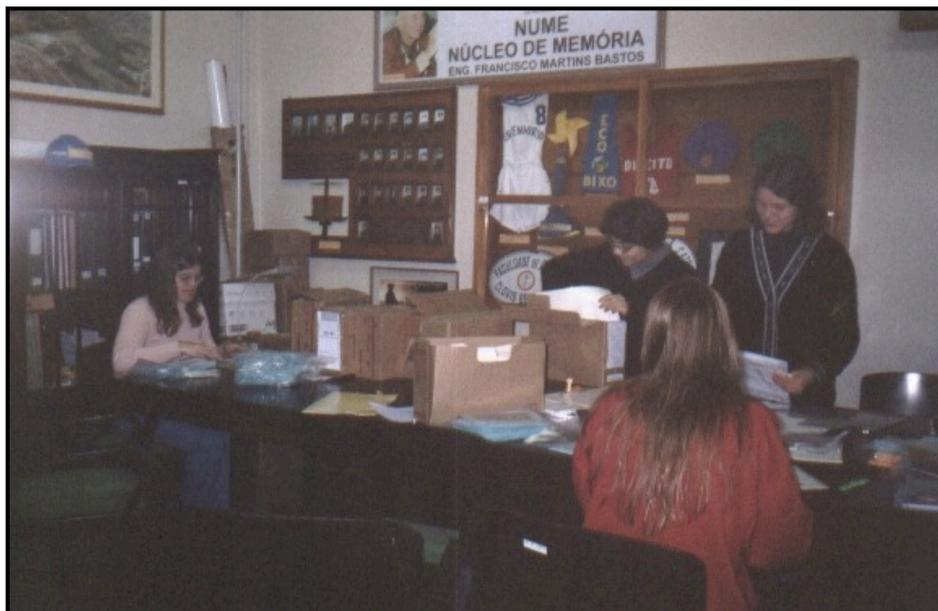


Figura 1 - Equipe de estagiários trabalhando com o acervo do NUME
Fonte: Acervo do NUME / Sem data.



Figura 2: Reunião das comissões executiva e consultora no NUME
Fonte: Acervo do NUME / 17 de dezembro de 2007.

É importante ressaltar que o museu enquanto um espaço designado a salvaguardar a memória e que, como consequência disto, preserva, conserva e comunica o patrimônio cultural público e privado, necessita de diretrizes museológicas específicas para selecionar e gerenciar este acervo desde o momento em que ele é doado e passa a fazer parte do museu. Contudo, a aquisição e a documentação museológica não são os únicos meios de se preservarem os acervos, juntamente com eles encontram-se a conservação, a pesquisa e a comunicação, um processo constante que faz parte do trabalho diário de um museu (BRUNO, 1997). Musealizar este acervo é trilhar um caminho, organizar toda uma trajetória de vida dos objetos, os quais “possuem valor de testemunho, de documento e de autenticidade com relação ao homem e à natureza” (GUARNIERI apud BRUNO, 2010, p. 125), para que desta forma eles se mantenham vivos e possam servir como suporte de informação e como um documento, propriamente dito.

3 Novas diretrizes, novos rumos museológicos.

Em 2008 o NUME é contemplado pelo Edital de Modernização de Museus lançado pelo IPHAN (Figura 3 e 4), e com isso recebe recursos para adaptar sua estrutura física, além de materiais de manutenção e consumo, para poder gerenciar de maneira adequada o seu acervo. No começo de 2010, iniciou-se o trabalho interdisciplinar entre profissionais da Museologia, Conservação e Restauro, e História na organização de atividades voltadas às necessidades museológicas do acervo, tendo como respaldo o Estatuto de Museus.



Figura 3 - Sala de Exposições de curta duração.
Fonte: Acervo do NUME / Maio de 2010.



Figura 4 - Sala do Mobiliário – exposição de longa duração.
Fonte: Acervo do NUME / Maio de 2010.

O processo de Documentação Museológica é definido como um procedimento de organização dos diversos elementos de identificação do acervo podendo ser considerada parte fundamental na salvaguarda dessas informações, afinal é através desta ação que é reunido o conjunto de conhecimentos e técnicas que tem por finalidade a pesquisa, a descrição, a produção, a sistematização e a comunicação sobre estas coleções.

A documentação de acervos museológicos [...] é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p. 65).

De uma forma bastante descritiva, o trabalho começou com a criação de um Livro Tombo, onde todos os objetos que fazem parte do acervo foram sendo registrados com uma numeração alfa-numérica específica (NUME 00.001). Cada objeto recebe uma marcação específica correspondente a sua numeração e de acordo com sua tipologia material. Concomitantemente a este trabalho de tombamento acontece a digitalização desses artefatos, que fará parte da ficha de identificação de cada objeto dentro do banco de dados digital. Esse banco de dados foi criado em parceria com o NTI/FURG (Núcleo de Tecnologia da Informação), o qual criou o SisMuseus (Sistema de Informação para museus), que registra toda a trajetória de vida do objeto desde o ato da doação até sua localização dentro do museu (Reserva Técnica, Arquivo Deslizante, Exposição, Empréstimo, entre outros). O SisMuseus é um

ferramenta que otimiza o trabalho de Documentação Museológica e de controle do acervo do NUME, permitindo um fácil acesso sobre cada artefato que já foi tombado. Dessa forma, compreende-se que,

ao focar os museus a partir de suas funções, constata-se que são instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. Estes, como veículos de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, sua vez, geram e disseminam novas informações (FERREZ, 1994, p. 65).

Como parte fundamental da preservação deste acervo é realizado o trabalho de Conservação Preventiva (Figura 5 e 6), processo que envolve a higienização mecânica dos objetos bem como seu acondicionamento com materiais neutros tais como papel de seda branco, pastas de polionda, manta acrílica, TNT branco e malha tubular, e por fim seu armazenamento em mobiliário adequado. Vale frisar que a Conservação Preventiva reúne um conjunto de esforços para prolongar ao máximo a existência dos objetos a partir de intervenções conscientes e controladas no ambiente externo ao objeto, como também de intervenções diretas no objeto (ROSADO; FRONER, 2008). Através dessas ações preservacionistas de Documentação e Conservação, será possível estabilizar os danos que o acervo sofreu e sofre estando acondicionado de forma inadequada, danos que auxiliam na deterioração dos objetos, dificultando a recuperação de importantes informações que o objeto venha a conter.



Figura 5 e 6: Higienização Mecânica e acondicionamento do acervo fotográfico do NUME.
Fonte: Acervo do NUME / Junho de 2010.

O museu recebe um número expressivo de pesquisadores que buscam no acervo objetos/fontes de pesquisas para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, dissertações, teses e produções literárias. É através da documentação e da conservação que se torna possível recuperar e complementar as informações de cada artefato. Também no ano de 2010, teve início o projeto do Banco de Memória do NUME, um projeto em parceria com o Prof. José Carlos Vieira Ruivo, professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da Universidade Federal do Rio Grande, que a partir de entrevistas realizadas com professores e funcionários aposentados da FURG, enriquece ainda mais o acervo com lembranças, vivências e informações da época. Estas entrevistas são gravadas em áudio e vídeo, o que possibilita o uso deste material para futuras pesquisas e exposições.

Ao pensar na Expografia é importante lembrar que ela funciona como um dos principais meios de comunicação do museu com seu público (CURY, 2005), entretanto esta forma não é a única de comunicar o acervo, a pesquisa e as ações educativas são outros exemplos de comunicação museológica que podem ser desenvolvida pelo museu. Ao longo do ano de 2010, foram realizadas três exposições de curta duração (*FURG 40 anos; Enfermagem 35 anos cuidando da comunidade riograndina; Oceanologia: 40 anos de história*), uma exposição itinerante que aconteceu no Hospital Universitário na ocasião dos 35 anos da Escola de Enfermagem, além da exposição de longa duração sobre as cinco primeiras faculdades, onde se mantêm a temática do ensino superior riograndino.

A comunicação museológica é a denominação genérica que são dadas às diversas formas de extroversão do conhecimento em museus, uma vez que há um trabalho de introversão. As formas são variadas, como artigos científicos de estudos de coleções, catálogos, material didático em geral, vídeos e filmes, palestras, oficinas e material de divulgação e/ou difusão diversos. Todas essas manifestações são, no museu, comunicação no lato sensu. No stricto sensu, a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas. É na exposição que se potencializa a relação profunda entre o Homem e o Objeto no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente) (CURY, 2005, p. 34).

Uma boa maneira de se pensar a Expografia do museu é pensar no público e na parceria que pode existir entre ambos. Para isso está sendo desenvolvido um trabalho de pesquisa de público, uma pesquisa de recepção e avaliação do que está sendo exposto. Este futuro levantamento proporcionará uma maior interatividade entre o público e o museu, bem como seu acervo. No momento em que o visitante torna-se um indivíduo ativo dentro do museu, a Expografia e todas as ações voltadas para a

Comunicação Museológica, se tornam recíprocas e pertinentes ao que está sendo solicitado, portanto, é necessário que exista um diálogo constante entre público e museu.

3 Considerações finais

Com o desenvolvimento deste trabalho se percebe a grande necessidade de políticas públicas específicas para as instituições museológicas, bem como a importância da interdisciplinaridade e do diálogo na equipe de profissionais que atuam nesses espaços de preservação, principalmente por se tratar de um museu universitário, responsável por salvaguardar a história do ensino superior riograndino, o qual engloba uma série de áreas do conhecimento. Um exemplo que merece destaque no que diz respeito aos museus criados por universidades, é o caso do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado em 1984, e que desde 2011 coordena a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS (REMAM), um projeto que visa preservar as diferentes áreas do conhecimento que existem dentro da universidade, através de seus acervos. Esse projeto visa reforçar a missão universitária, ensino, pesquisa e extensão, integrando “os diferentes espaços de memória da UFRGS, fomentando a articulação entre os mesmos, potencializando e qualificando o processo de musealização de modo a valorizar o capital patrimonial da Universidade” (SOUZA; FAGUNDES; LEITZKE, 2014, p. 3).

É nesse sentido, pensando nessa ação desenvolvida pelo Museu da UFRGS, que futuras ações pretendem ser desenvolvidas pelo NUME, buscando uma maior articulação com a Universidade, proporcionando reflexões entre passado, presente e futuro da FURG, a fim de possibilitar novos sentidos tanto para o museu quanto para o seu público. É importante ressaltar a necessidade de se pensar em um elo comunicacional cada vez maior com o público, almejando uma interação que o envolva juntamente com o museu e também com a universidade. Pensar no visitante como um participante ativo no cotidiano da instituição. Para citar alguns dos planejamentos futuros do NUME: desenvolver novas ações educativas e culturais, visando essa ação articuladora e integradora entre as diversas áreas do conhecimento que a FURG engloba, exposições de curta e longa duração, pesquisas de público e o desenvolvimento do Plano Museológico da instituição, documento importante que faz parte das demandas do Estatuto de Museus, portanto, mais uma adequação necessária e fundamental para uma boa gestão museológica.

Por fim, é importante ressaltar os procedimentos que a instituição desenvolve a partir da implementação de diretrizes museológicas, percebendo que ao longo deste processo, o acervo que se encontra bem documentado, sistematizado e instrumentalizado torna-se um documento, uma fonte de informação. Portanto, frisamos a necessidade da aplicação de tais diretrizes específicas aos acervos museais, como forma de salvaguardar, preservar e comunicar estes acervos para a sociedade.

Referências

BORTHEIRY, Aída Luz Meirelles. **Memória FURG – NUME**: fragmentos da história da Fundação Universidade Federal do Rio Grande segundo os Arquivos do Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 2008.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. (Org). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

_____. Funções do museu em debate: Preservação. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.10, p. 23-34, 1997.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática.

Caderno de ensaios - Estudos de museologia, n. 2, p. 64-73, 1994,.

ROSADO, Alessandra; FRONER, Yacy-Ara. **Planejamento de mobiliário**. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

IBRAM. **Estatuto de Museus**. Lei nº. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <www.ibram.gov.br>. Acessado em: 16 ago. 2010.

SOUZA, Cidara Loguercio; FAGUNDES, Lígia Ketzer; LEITZKE, Maria Cristina Padilha. **Guia REMAM 2012-2014**: conhecendo os acervos e museus da UFRGS. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2014.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. **Escola de Engenharia Industrial**: a gênese do ensino superior na cidade do Rio Grande (1953-1961). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, RS, 2013.

Submetido em: 09.01.2014

Aceito em: 23.08.2014